



Novos caminhos para a Igreja: um projeto à luz do Documento Final do Sínodo para a Amazônia

Conversão ecológica – chaves de leitura

Ima Vieira¹

1. Novos Caminhos de Conversão Ecológica

O Sínodo para a Amazônia trouxe uma mensagem de esperança para a Igreja Católica. As propostas do Sínodo (e também as da 'Querida Amazônia'), giram em torno do encontro e do diálogo e se apresentam como vanguarda na discussão sobre os caminhos da Igreja na Amazônia, que se aprofunda em torno da justiça social e da defesa dos povos amazônicos e do meio ambiente como um bem coletivo, fruto de um novo olhar marcado pelos valores do cuidado e da sustentabilidade. O Sínodo para a Amazônia inaugura um novo tempo para a Igreja. O tempo do escutar, refletir e agir, pois a Amazônia não pode esperar².

O Documento Final da Assembleia Sinodal reconhece que a Ecologia Integral é o único caminho possível para conectar o cuidado pastoral da natureza à justiça para com as pessoas mais pobres e exploradas da terra e salvar a região amazônica do extrativismo predatório, da violência contra os povos amazônicos e da criminalização dos defensores da Amazônia.

O Capítulo IV do Documento Final do Sínodo da Amazônia propõe “novos caminhos para uma conversão ecológica”, dada a atual “crise socioambiental sem precedentes”. Reconhece que o bioma amazônico “está ameaçado de desaparecimento, com tremendas consequências para nosso planeta”. A única saída é promover uma ecologia integral, que promova “um modelo de

¹ Ecóloga, Assessora da REPAM-Brasil e Perita do Sínodo para a Amazônia.

²

desenvolvimento justo e solidário”, em que temos muito que aprender “de nossos irmãos e irmãs dos povos originários” (Documento Final n. 65)³.

O Sínodo se propôs a “escutar a voz e o clamor da terra que geme e dos povos que gritam por socorro perante exploradores da região, dar as mãos, formar correntes e partir para a ação. Isso exige mudanças de paradigmas pessoais, pastorais, estruturais e missionários”⁴.

É a hora de ousar...os frutos do Sínodo para a Amazônia precisam ser expressão da autonomia necessária das Igrejas locais para tomar decisões diante de certas demandas do contexto amazônico que não podem esperar”³.

2. Ecologia Integral e Conversão Ecológica

As consequências socioambientais provocadas pela demanda insustentável de recursos naturais tende a materializar-se de forma grave e veloz, causando sérios problemas em escala globalizada: aquecimento da terra, desflorestamento, poluição, contaminação de rios e mares, perda da biodiversidade entre outros. Essa crise ambiental está intimamente ligada à injustiça social⁵, e ambas se revelam nas desigualdades, na perda da dignidade humana e na destruição progressiva do planeta. À luz desta crise ecológica iminente que o Papa Francisco chama por uma conversão ecológica por parte de toda a humanidade, tanto os indivíduos como as nações. Ele enfatiza a importância da mudança de atitude nas formas e na maneira como usamos e tratamos a criação e os seres humanos, principalmente os pobres.

Em *Laudato si*⁶, o Papa Francisco aponta a imensa devastação socioambiental em curso no planeta, mas também aponta as causas da injustiça socioambiental, afirmando claramente que o causador principal dessa devastação é o modelo econômico capitalista, a idolatria do mercado e do capital, uma economia que violenta e mata. Assim, “uma verdadeira abordagem ecológica torna-se sempre uma abordagem social, que deve integrar a justiça nas discussões sobre o ambiente, para escutar tanto o grito da terra como o grito dos pobres” (Documento final no 66).

³ Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019<<http://www.synod.va/content/sinodoamazonico/pt/documentos/documento-final-do-sinodo-para-a-amazonia.html>>

⁴ Almeida, N.M. & Brighenti, A. Sínodo da Amazônia: novos caminhos para a igreja e para uma ecologia integral. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 11, n. 3, p. 617-640, 2019.

⁵ Cenci, D; Burmann, T. Direitos Humanos, Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania. *Revista Direitos Humanos e Democracia*. n. II (2013), p. 131-157.

⁶ Francisco, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*. Louvado seja: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

Para refletir sobre conversão ecológica, precisamos, primeiramente, reconhecer a crise ambiental que vivemos, compreender o que é ecologia integral e a importância socioecológica da Amazônia.

Ecologia Integral - A ecologia integral surgiu recentemente com o diálogo sobre o aquecimento global e ao longo dos anos foi articulado como justiça, paz e integridade da criação⁷. O termo ecologia foi citado pela primeira vez pelo biólogo alemão Ernest Haeckel e definido como sendo a ciência que estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, colocando-se em discussão também a questão dos modelos de desenvolvimento, produção e consumo. O Papa Francisco nos coloca diante do desafio de uma proposta de ecologia integral, que “nos convida a uma conversão e exige reconhecer nossos próprios erros, pecados, vícios, negligências e omissões com as quais ofendemos a criação de Deus” (LS 218). Quando o Papa afirma que ‘tudo está interligado’: a natureza e a sociedade e desenvolve o termo “ecologia integral”, ele dá um sentido mais amplo à ecologia e nos leva a buscar entender a relação entre todas as criaturas do nosso planeta na dimensão ambiental, econômico, social, cultural e a vida cotidiana.

“Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza”.
(Papa Francisco, LS, 139)

O cenário de crise sem precedentes em que vivemos impõe grandes riscos às populações tradicionais da Amazônia e são resultantes de um longo histórico de sua invisibilidade pelo restante do Brasil. Tais riscos se estendem também à floresta, dado o papel dessas comunidades em sua conservação. No rico diagnóstico feito durante o Sinodo, os bispos reafirmam que a ação humana na região perdeu seu caráter “amigável” e assumiu uma forma “voraz e predatória”, que tem levado ao esgotamento dos recursos naturais disponíveis.

No documento final é enfatizado que a Igreja precisa contribuir para o reconhecimento do “papel central do bioma amazônico para o equilíbrio do clima do planeta” e deve “animar a comunidade internacional a dispor de novos recursos econômicos para sua proteção e promoção de um modelo de desenvolvimento justo e solidário”. Afinal, a floresta amazônica representa um terço das florestas tropicais do mundo, e desempenha papel importante na estabilidade ecológica do planeta. Ela é reconhecida como um repositório de serviços ecológicos, não só para os povos indígenas e as comunidades locais, mas também para o restante do mundo. O fim da floresta

⁷ Andrade, J. Da plenitude à ecologia integral: apelos do Sínodo da Amazônia para as relações dialogais. Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 8, n. 12, p. 20-34, jan./jun. 2020

contribuiria definitivamente para um processo de extinção em massa das espécies vegetais e animais que aqui habitam e de cerca de 400 etnias que dependem da sua biodiversidade.

Na busca de modelos de desenvolvimento para a região, o Sínodo afirma ser necessário “o protagonismo e a participação direta das comunidades locais e dos povos originários em todas as fases, desde o planejamento até sua implementação” (Documento Final n. 68). O novo modelo de desenvolvimento sustentável deve ser socialmente inclusivo, combinando conhecimentos científicos e tradicionais para empoderar as comunidades tradicionais e indígenas, fazendo com que essas tecnologias sirvam ao bem-estar e à proteção das florestas.

Conversão ecológica – O documento final do Sínodo afirma que “a defesa da vida da Amazônia e de seus povos requer uma profunda conversão pessoal, social e estrutural”. A Conversão Ecológica reconhece a sabedoria dos povos sobre a biodiversidade e o conhecimento tradicional é valorizado e respeitado. Os protagonistas do cuidado, da proteção e da defesa dos direitos dos povos e dos direitos da natureza nessa região são as próprias comunidades amazônicas. Pede-se que os agentes pastorais e os ministros ordenados sejam formados com esta sensibilidade socioambiental, seguindo o exemplo dos mártires da Amazônia e propõe-se criar ministérios para o cuidado da casa comum. O Documento reafirma o empenho da Igreja em promover o diálogo intercultural e ecumênico para conter as estruturas de morte, pecado, violência e injustiça e propõe a definição de “pecado ecológico” como “ação ou omissão contra Deus, contra o próximo, a comunidade, o meio ambiente”.

Uma série de ações são apontadas no Documento Final para a melhoria das condições de vida na Terra, como a necessidade de reduzir drasticamente as emissões de dióxido de carbono e de outros gases ligados à mudança climática, de promover fontes de energia limpa, de dar acesso à água potável, de incentivar a reutilização e a reciclagem, reduzir o uso de combustíveis fósseis e plásticos, mudar hábitos alimentares e adotar estilos de vida sóbrios e plantar árvores, dentre inúmeras outras práticas ecológicas. Para acompanhar as mudanças que se processarão foi proposta a consolidação de cooperação em nível internacional e inter-religioso para projetos de preservação, como um Observatório socioambiental para a Amazônia, em parceria com instituições civis e Universidades Católicas, e a criação de um fundo econômico específico para a Amazônia, a ser gerido conjuntamente por representações eclesiais e civis.

Pela importância para a ação evangelizadora de toda a Igreja, o processo do Sínodo para Amazônia, precisa ser bem conhecido, pois foi uma experiência inovadora e inspiradora. O papel da Igreja deve ser o de um aliado, e os "novos caminhos" para a Igreja, apontados no sínodo, deveriam agora se traduzir em iniciativas concretas na direção do fortalecimento institucional. Todo esse movimento de conscientização criado pelo sínodo deve nos levar a uma mudança de

hábito, assumindo, em nossa vida pessoal, familiar e na sociedade como um todo, um novo estilo de vida, que preserve o meio ambiente e cuide melhor de nossa casa comum, que é o planeta Terra⁸. Mas não bastam apenas ações individuais, “é preciso agir em conjunto, em ações que levem a um comprometimento com o Bem Viver e que promovam a ministerialidade e a sinodalidade capazes de rever outras estruturas da Igreja em harmonia com o cuidado da criação na Amazônia”⁹.

Ao agir concretamente no território, a Igreja deve formar consciências a fim de promover uma profunda e duradoura conversão ecológica. Isso nos leva a pensar em três eixos importantes para a formulação de um “rito de conversão ecológica”, baseado nas dimensões espiritual, educacional e social.

⁸ Santos, Adelson. O Sínodo antes, durante e depois da sua realização: impressões pessoais de um teólogo da Amazônia. *Fronterias*, 2(2): 270-283, 2019

⁹ Vieira, I; Oliveira, M & aa Mata, R.P. Os Dez Mandamentos do Sínodo para a Amazônia. *Cadernos do CEAS*, v. 45, n. 249, p. 9-32, 2020.